

## **A VIOLÊNCIA CONTRA POBRES E NEGROS NO BRASIL: MANUTENÇÃO DO RACISMO ESTRUTURAL**

### **VIOLENCE AGAINST POOR AND BLACK PEOPLE IN BRAZIL: MAINTAINING STRUCTURAL RACISM**

Autora: Cristiane Moura Viegas<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo busca abordar na cena contemporânea a relação entre racismo e violência, a partir dos desdobramentos do racismo estrutural para a população pobre e negra da sociedade brasileira e como a dinâmica sócio-histórica contribuiu para que violência fosse sendo estabelecida como um elo nas relações de disputa pelo poder. E sobretudo, aprofundar o debate sobre os impactos da violência para a população pobre e negra dos centros periféricos das grandes cidades. Deste modo, o impacto da violência no Brasil acaba atingido um perfil que perpassa pelo recorte de raça e classe. Neste sentido impossível desassociar a realidade social da população negra sem refletir sobre ranço colonial, que ainda se faz presente via senso comum, buscando sempre inferiorizar o negro na sociedade brasileira.

**Palavras Chave:** Violência. Poder. Questão Racial; Brasil.

26

**ABSTRACT:** The present work seeks to address in the contemporary scene the relationship between racism and violence, from the unfolding of structural racism to the poor and black population of Brazilian society and how the socio-historical dynamics contributed to the establishment of violence as a link in relations of power struggle. And above all, deepen the debate on the impact of violence on the poor and black population of the peripheral centers of large cities. Thus, the impact of violence in Brazil has reached a profile that crosses the race and class. In this sense it is impossible to disassociate the social reality of the black population without reflecting on colonial rancidity, which is still present via common sense, always seeking to lower the black in Brazilian society.

**Key Words:** Violence. Power. Racial Question; Brazil.

#### **INTRODUÇÃO:**

O racismo ainda é um grande dilema e ainda carece de ser superado no Brasil, pois mesmo após mais de 130 anos da Abolição da escravatura, a realidade social do negro no Brasil, ainda é perpassada por construções sociais que vem como resquícios do sistema colonial. Naquele contexto histórico, as relações de poder totalmente

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Serviço Social pela PUC-Rio

apoiadas na lógica de manutenção de uma lógica desigual, onde o negro era subordinado e totalmente inferiorizado socialmente.

Entretanto, essa dinâmica ainda se mantém presente no cotidiano da população negra que vivencia um cotidiano permeado por inúmeras formas de violência. Contudo, a cerca de como a violência compõem o cotidiano da população negra, paralelo a esse processo busca-se construir um consenso de democracia racial, que estrategicamente para silenciar a realidade social de negros e pobres das periferias do País.

Entretanto para refletir sobre violência e como a mesma vai sendo incorporada socialmente, e sobretudo vai sendo “naturalizada” partimos da permissão de que “a violência não surge como um estado da sociedade, mas como um mecanismo” (Da Matta, 1982) que foi sendo estabelecido na sociedade brasileira ainda no processo de sua formação sócio histórica, e que vem sendo perpetuada no tratamento conferido aos segmentos negros e pobres, através de racismo estrutural que insiste em determinar espaços sociais conferidos a esses sujeitos sociais na cena contemporânea.

Deste modo, podemos perceber que o racismo no Brasil ainda não foi superado, e se no período escravocrata o pelourinho era esse palco onde se estabelecia relações de poder, entre escravo e seu senhor que era estabelecida por inúmeras expressões da barbárie estabelecidas através do uso da violência. Minayo (2006) ao analisar a formação sócio histórica da sociedade brasileira, destaca que a violência foi um eixo estruturante para a formação da nossa sociedade. Segundo a autora:

O mito originário da criação do povo brasileiro seja marcado pela terrível violência do estupro. E todo o período colonial foi marcado pelo desprezo e pela crueldade contra os índios e os negros e pela exploração de sua força de trabalho e de sua cultura. (Minayo, 2006, p. 27)

Ou seja, a violência enquanto prática foi sendo estabelecida no país em um primeiro momento através do processo de ocupação social do território, e foi sendo incorporada também nas práticas de ocupação deste espaço, e conseqüente a disputa pelo poder de posse do espaço urbano ocorreu através da violência enquanto forma de dominação.

Neste sentido, podemos entender que “a violência como parte da própria condição humana” (Da Matta, 1982) que através de práticas de coerção busca manter hegemônico o seu poder. Inclusive podemos perceber que, essa foi a lógica que foi sendo utilizada na construção social marginal conferida aos negros na sociedade brasileira. Portanto, “o Brasil sempre teve uma história de violência articulada à sua forma de colonização e de desenvolvimento, embora, o mito que corre no imaginário social e é apropriado politicamente é de que somos um país pacífico” (Minayo, 2006).

E por conta deste consenso social estabelecido que vem desde da nossa formação social, embora sempre busque manter a imagem de um país sem livre do preconceito racial. Todavia o racismo estrutural permeia todas o cotidiano da população pobre e negra, e principalmente moradores dos espaços mais marginalizados, que sobre repressão por parte do aparato policial, que afirma atuar contra “as classes perigosas” destes espaços.

Assim o lugar social estabelecido a população negra, que simbolicamente reafirmam “o instinto do domínio”(Ventura; Seitenfus, 2005) que na nossa sociedade é mantido pelos detentores do poder, e que na cena contemporânea são representados pelos grandes capitais, que atuam na reafirmação de estereótipos sociais, a fim de manter a população negra em um lugar de subalternidade, e assim manter a relação dominantes/ dominados.

E para a manutenção desta subalternidade, que se reafirma através do racismo estrutural o uso da violência primordial para a manutenção do poder, e pela dinâmica das praticas cotidianas nesta relação pelo poder simbólico, e sobretudo como essa dinâmica impacta na vida destes sujeitos sociais, pode se afirma que “somos um povo violento” (Minayo 2006,) mesmo que se busque reafirmar uma imagem de uma nação extremamente pacífica, a violência é uma pratica estabelecida na sociedade brasileira. E que sobretudo tem impactos violentos no cotidiano da população pobre e sumariamente negra. E essa violência

é inclusive apresentada nas pesquisas sobre genocídio de jovens negros no país que apontam que o agravamento da morte de jovens negros, e sobretudo como essa dinâmica tem sido banalizada através da construção de consenso de combate as classes perigosas.

## O CARÁTER CLASSISTA DA VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Na cena contemporânea, a população negra vivencia uma realidade social permeada pela violência que limita o acesso de negros a determinados lugares da cidade, assim a violência no Brasil ainda configura-se como estabelecido da relação de poder desigual que na atualidade, é reafirmada através do estabelecimento da relação desigual entre brancos e negros, e principalmente pelo agravamento da violência urbana, em que negros são as maiores vítimas.

Em relação a violência urbana, a questão econômica é um dos norteadores para entendimento desta dinâmica, tendo em vista, que existe as expressões da questão social estão presentes no cotidiano deste segmentos, que em grande maioria vivem uma realidade permeada pela pobreza extrema, em contra partida, o processo de acumulação capitalista, busca a todo instante imprimir uma sociedade do consumo, assim a sociabilidade esta atrelada a capacidade de consumo.

Portanto, o poder na sociedade capitalista também esta atrelado ao forma como esses sujeitos sociais estão relacionados com ato de consumir, e para Ventura; Seitenfus (2005) essa ligação com “o intenso desejo de poder” faz com que não somente a cada dia mais a violência seja totalmente incorporada na sociedade, assim como esta correlacionada tanto como mortes da juventude negra no Brasil, quanto o acesso destes jovens ao poder paralelo.

Cabe destacar que, esses jovens vivem uma realidade de extrema vulnerabilidade social que fazem parte das inúmeras desvantagens acumulativas históricas, que foram sendo impostas a população negra, tendo em vista a liberdade conferida ao negro foi conferida sem qualquer esforço por parte da Estado em amparar esses segmentos sociais. Assim a realidade social do negro sempre foi historicamente muito difícil, permeada por inúmeras expressões da questão social, e que no cenário atual marcada através da dinâmica estabelecida através do racismo estrutural.

Sendo estarrecedor o total silêncio sobre a realidade perversa do jovem negro no Brasil, constata-se a “naturalização” da morte de jovens negros nos espaços periféricos. Sempre busca a culpabilização das famílias, sem qualquer menção sobre a negligência do Estado brasileiro, que não atua de forma ao combate das inúmeras

formas de exclusão social que são acometidos esses grupos sociais, que vivem uma realidade permeada pela negação ao acesso a uma estrutura que possibilite transformações sociais em seu cotidiano.

Deste modo, percebemos que a violência é latente no bojo da sociedade brasileira, que carrega esse caráter destrutivo, somando-se através de uma ideologia de segregação e exclusão social da população negra. E desta forma, o racismo é um fenômeno de muitas causas estruturais mantido através do uso das inúmeras formas de banalização da violência enquanto fenômeno que assola a vida da população negra no país.

Essa dinâmica é reafirmada e mantida através do discurso do senso comum cujas suas raízes estão na construção do mito racial no Brasil sobre a condição do negro como ser inferior, e que mesmo por mais 130 anos pós-abolição da escravatura, ainda se busca reafirmar o negro com inferioridade. E somando-se a falta de políticas públicas que tenham como primazia o reconhecimento do legado do trabalho negro na construção do país, e também no campo cultural cuja formação do processo diaspórico contribuiu significativamente para a cultura brasileira.

E mesmo, o negro tendo contribuído tanto para a sociedade brasileira, a população negra não é reconhecida como sujeito portador de direitos, e ainda convive como uma realidade social em que o racismo é materializado através das inúmeras formas de opressão, que dificultam essa população a acesso melhores condições de vida.

Portanto, constata-se que a violência no Brasil tem recorte raça/ classe social, e são indissociáveis, tendo em vista a banalização da violência no Brasil, enquanto fato social. Todavia segundo Da Matta (1982) em seus estudos sobre a violência no Brasil destaca da dificuldade de falar sobre a violência pois segundo o mesmo:

Falar de violência como fato social é tão difícil quanto falar da sexualidade, do tabu ou do pecado. Em relação a esses assuntos, o sistema de moralidade determina que se fale apenas a partir de uma posição e de um partido. E a obediência a esse princípio moral e reacionário é tão cega que a postura sociológica é sempre entendida como fuga uma posição que se cobre com a capa da neutralidade utópica. (Da Matta; 1982, p. 14)

E no caso do Brasil, a violência marca cotidiano dos negros, sendo justificada através do senso comum por clichês de “marginalidade”, “periculosidade” e que vem

se reafirmando sobre a ótica de um discurso hegemônico neoliberal acerca da situação econômica destes segmentos.

Desta forma, tendo em vista suas as “raízes históricas” acerca da morte de negros, ainda é um fato social totalmente banalizado, e assim vai sendo marcado o cenário social para a manutenção do racismo estrutural, que se reafirma através do consenso de subalternidade da população negra.

### **CONCLUSÃO:**

Deste modo, podemos concluir que a violência é uma das representações mais fortes da sociedade brasileira, sendo esse um laço que está estreitamente relacionado com passado colonial do país, que através da violência justificava todas as barbáreis cometidas naquele contexto social em que a população negra era posta como “mercadoria”. Todavia o ranço escravocrata ainda permanece presente no cotidiano da população negra, esses segmentos sociais ainda vivenciam uma realidade marcada por relações desiguais, onde o racismo estrutural ainda marca o papel de invisibilidade do negro na sociedade brasileira.

Neste cenário, o racismo funciona como estruturante para a justificação por parte do aparelho Estatal para reafirmar a coerção por parte do aparato policial, que acabam deixando esses jovens mais vulneráveis, tendo em vista que são os que mais sofrem com altos índices de letalidade, implicando em uma realidade extremamente complexa e extremamente perigosa a suas vidas.

Portanto, a condição racial no Brasil ainda é norteadora de inúmeras formas de opressão, que se operam na dinâmica social destes grupos sociais, e que somando a dinâmica do processo sócio- histórico, e que é reafirmado pelo caráter classistas da nossa sociedade.

E assim a herança escravocrata ainda esta presenta no bojo da nossa sociedade, através das práticas sociais que buscam reafirmar a relação entre opressores e oprimidos, de tal forma que a violência enquanto prática social acaba sendo algo totalmente banalizado, devido a sua “naturalização” através das

desigualdades econômica e sociais que vivenciam a população negra no país e que também implicam na reafirmação da violência contra esses segmentos sociais.

Paralelo a essa dinâmica, temos o processo de globalização que atua de forma a agravar a disparidade social entre ricos e pobre, e que acaba agravando ainda mais o cotidiano da população negra, sobretudo jovens que acabam sendo cooptados por uma dinâmica apontada por Minayo (2006) como “mercado da violência” que acaba atraindo esses jovens em busca do poder, trabalho e status social.

Assim uma grande parcela destes jovens acabam encontrado no poder paralelo o acesso a cidadania de consumo, que dentro da realidade vivida precarizada acaba conferindo esse acesso “poder simbólico” diante das realidade de que estes jovens estão inseridos e que acaba colocando suas vidas em risco. Entretanto, o racismo estrutural tem impacto na vida destes sujeitos, que qualquer possibilidade de status é vista como algo benéfico. Minayo (2003) em seus estudos, aponta inclusive para os fatores macros e micros que levam a entrada de jovens no mundo do crime:

São grupos populacionais inteiros excluídos do mercado de trabalho, exatamente numa etapa da vida em que, a história prova, estão exacerbadas as expectativas e as manifestações de revolta, de contestação e de violência. As expressões desse fenômeno na atualidade, como já foi dito, estão relacionadas à reestruturação produtiva, à exacerbação da acumulação capitalista e à ausência de ênfase na questão social por parte dos governos (Minayo 2006, p.33).

32

E desta forma, o racismo na sociedade brasileira é agravado pelo processo de acumulação capitalista que acaba reafirmando as desigualdades sociais, e que trazem desvantagens acumulativas para população negra que vivencia um processo histórico de desvantagens acumulativas, assim a dinâmica capitalista aprofunda a gravidade da situação dos negros na sociedade brasileira.

Portando é preciso que o Estado atue na construção de políticas públicas que tenham recorte racial, tendo em vista panorama sócio- histórico dos negros no país, e sobretudo atuação de forma interventiva para a transformação desta dura realidade, tal como afirma Da Matta (1982) que essas são “as distancias que temos que vencer para tornar o Brasil uma sociedade mais justa”, contra as inúmeras formas de violência que insistem em negar que cidadania realmente seja efetivada para a população negra. Pois a violência imposta através da desigualdade impede a constituição de

uma sociedade mais igualitária, com a inclusão da população negra em diversos espaços da sociedade.

**REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO:**

DA MATTA, Roberto. **Raízes da violência no Brasil**. In VV.A>A. A violência brasileira, Soa Paulo: Brasiliense, 1982.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**, São Paulo: Companhia das letras 2006

FOUCAULT, Michel. Vigar e Punir: **Nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes 1987  
Disponível em < [https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/foucault\\_vigiar\\_punir.pdf](https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/foucault_vigiar_punir.pdf) Acesso em> Junho, 2019.

MINAYO, Maria C.S. et al.(org) **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006  
Disponível em < <http://books.scielo.org/id/y9sxc/pdf/minayo-9788575413807.pdf>. > Acesso em Julho, 2019.

VENTURA, Deyse F.L; SEITENFUS, RICARDO. A. S. (apresentação) **Um diálogo entre Einstein e Freud: Por que a guerra?**, Santa Maria, FADISMA,2005 Disponível em < <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05620.pdf> < Acesso em Maio, 2019